A VELHA CATEDRAL

PE. MISAEL GOMES

Se o mundo, no pensamento de Descartes, é tal como escrita ou algarismo que se procura interpretar; por sua vez, uma Catedral não é beleza a mirar-se de leve; é antes um ensino a obter ou livro que convém ler e compreender. Petrifica e eterniza idéias. Quem sabe os fios tênues que lhe compartiram os acontecimentos?

Não nos dispensemos do que se passou entre nós.

Vieram do Recife os jesuítas Francisco Pinto e Luís Figueira. Após celebrarem e distribuirem a sagrada comunhão a alguns da comitiva na foz do Jaguaribe, puseram-se a caminhar, na direção da Ibiapaba, dia de N. Senhora das Candeias, 2 de fevereiro de 1607. Largavam o Joagoarive, Mucurive ou Camuci, como se quiser denominar ao litoral cearense, pelo comêço do século XVII. Jamais lhes pareceu tão ruidosa a manhã e tão jovial.

O Pe. Pinto, homem de talento, de gravidade e ação, evangelizador mais que destro na língua tupi; com quase o duplo de janeiros, acompanhava-se do outro aos 28 de idade. Ventos lépidos os felicitavam no arriscado lance, ordens de Fernão Cardim, provincial da Companhia de Jesus no Brasil e mestre mui considerado no seu ofício.

À guisa de relatório do imortal Vieira: "Levantaram os padres igreja — disse — na maior povoação da serra, sem contradição dos naturais, antes com grandes demonstrações de contentamento..." Longo e minucioso, continuou narrando que os dois sacerdotes, após entrados na confiança tabajara, as choupanas visitavam, recebiam tôda a gente fera, doutrinavam, pregavam e confessavam.

> "Não; não há fera tão fera,
> que não tenha um coração!" (**Tomás Ribeiro**)

A Ibiapaba principiou verdadeira aurora de bem-aventurança, ia tudo à maravilha, quando lhe desferiram atentado cruento os tocarijus, e a sorte des-

sorriu-lhe. Francisco Pinto acabou entre aquêles bárbaros, âmbula divina; Luís Figueira, com a alma debruçada sôbre os olhos, viu-o morrer e, na ilha de Marajó, entre aruãs, dormiu morte idêntica.

A vida é cruzada de sacrifícios.

"....
e ou morre o homem na lida,
feliz, coberto de glória,
ou surge o homem com vida,
mostrando em cada ferida
o hino de uma vitória!"

Recorda Virgílio que mister se fez de muito labor para todo esplendor de Roma.

Antônio Bezerra garantiu que, até 1678, na capitania do Ceará, só era habitado o presídio de Fortaleza e subúrbios da costa. "Note-se bem (continúa), quando digo habitado o terreno, é viver em paz o colono sem os sustos dos que assistiam nas casas-fortes guardados por gente armada para defesa dos tapuios". Ali houve recato e mistério feitiços; porém a quietação nunca foi completa.

A capela dos padres, a que se referiu Vieira; a ermida posteriormente fundada por Jerônimo de Albuquerque, sob invocação de N. Senhora do Rosário em Jericoacara, e a de N. Senhora do Amparo por Martim Soares Moreno, legítimo fundador do Ceará, desapareceram, improvisadas que tinham sido com materiais ou recursos parcos e frágeis.

Oh! sementes que se foram!

Ainda do século XVII a capela de N. Senhora da Assunção, construida em terrenos doados pelo Pe. José Rodrigues, a primeira e por muitos anos matriz de Fortaleza. Obra do capitão Álvaro de Azevedo Botelho, próximo do forte, ali os atos religiosos se celebravam graças à Irmandade e ao patrimônio da fazenda de gado, provàvelmente a "Soledade", residência daquele sacerdote, terras de sesmaria, caminho da Caucaia.

Planta portuguesa da capital cearense mostra, no princípio do XVIII século, o forte de madeira, o riacho Pajeú e a capelinha isolada, cuja arrecadação de bens patrimoniais, Manuel José de Farias, 1745, mandou fazer pela Provedoria da Fazenda Real. Demoliram-na em 1857, para dar começo a outra.

Acudiu a restauração de 1863, desaparecida afinal no govêrno do dr. Pedro Leão Veloso (1881), empregados os destroços em obras do quartel e transferidas as imagens, inclusive a da padroeira do forte, para outra parte; depois para a Sé. Via-se-lhe ainda fio do alicerce em 1914, dentro já no pátio interno do quartel. Vai então, o que se pode concluir é que as desavenças entre Aquiraz e Fortaleza não esmoreceram nem a fé nem os milagres nem a devoção e igrejas do Ceará. Estas rasgaram horizontes infinitos de esperança.

Almofala, obra de zêlo do pe. José Borges de Novais, igreja de 1702, terminada a 18 de outubro de 1712. Pelo que atestam paredes ruídas das dunas, singular beleza mostrou Almofala, no reinado português de D. José I.

O Almanaque do Ceará de 1953 meteu-se na corrente tradicionalista de que o civilizado Sousa Presa caira com outros em mãos tapuias; escapou só; os índios o guardavam, com espiar melhor ensejo. A horas mortas, o pobre condenado, jungido

a anoso tronco, elevou a mente até os céus... e prometeu uma igreja levantar na situação hoje da cidade de Milagres, se porventura escapasse àquele transe.

"A cena era lúgubre,
e à hora em que os mêdos
vêm entre os rochedos
ouvir os segredos
do anjo do mal..."

Obteve entretanto o milagre, mercê da índia a quem confiara a tribo o cuidado do branco. Fato análogo ao de John Smith na América do Norte, a quem salvou a menina Pacahontas, de 11 a 12 anos, filha do chefe indígena Powhaton.

O santuário de Canindé, hoje Basílica Menor, data ainda do século XVIII, elevado à categoria de matriz, 30 de outubro de 1871; submetida mais tarde a várias reformas e completa reconstrução (1910), segundo a planta de Antônio Mazzini e Tomás Barbosa. Subiram as torres, 28 metros subiram. Cúpula e trabalhos chegaram a termo em 1915. A decoração, bem como as figuras, de um valor nobre, rasgado e puro, trabalhos de Kau, alemão especializado no assunto. Cêrca de 300.000 visitantes, todos os anos.

No mais, a simpleza dos filhos de S. Francisco e sombras onde se murmuram preces, contrastando com a luz das vidraças onde se imaginam vozes particulares do Alto.

Ora bem, resumem os estilos o método costumeiro e gostos de um povo, antes que de algum indivíduo a multiplicar obras; resultam por igual do clima e haveres da região onde surgem.

Edifícios religiosos mais importantes do Brasil mostram coberturas exigentes de paredes grosas, janelas estreitas, com receio de algum desaso. O interior escuro, porém de torre lanterna sôbre o cruzeiro, com muita frequência. Pesa estilo mais ou menos românico nas igrejas do nosso vasto Setentrião. O caráter dêsse estilo, sério, grave e clássico, de uma dignidade nobre, mas forma simples, seu tanto ou quanto monumental.

Informou João Brígido que, na curva de um riacho, os índios colocaram a sua igreja, precisamente no terreno em que hoje se levanta nova Catedral. O historiador pôde adiantar: "Êste velho templo, para onde foram transferidas as imagens existentes em uma capela da barra do Ceará, Vila Velha ou Matias Pacheco, foi demolido no comêço do século XIX, pelo vigário Antônio José Moreira.

É que, em 1821, como perigasse a matriz de Fortaleza, as imagens lhe removeram para a capela do Rosário, até que construissem matriz nova, só elevada a Catedral depois da primeira metade do último século.

Em toda a parte, o levantamento de uma Catedral foi cerimônia estimuladora de vontades e de exaltação religiosa, que polarizou as classes no mesmo sentido, do senhor ao servo, do aristocrata ao plebeu.

Culta e instruida a velha Europa, lá os cânticos devotos, o mais do tempo, acompanhavam o chiado dos carros, o picar das pedras; o entusiasmo comunicava-se, dando facilidade ao esforço; os milagres sucediam-se, abençoando a religiosa faina; o mistério aureolava as frontes, prometendo a paz das consciências na transitoriedade do mundo.

Episódios dêsses, enternecedores, prendem o cristianismo aos corações, por meio

da arte, colmando-os de ventura. Com tal auxílio, ergueram-se, ou em cômoro urbano ou na monotonia da planície, os maiores bastiões da fé. E as catedrais patenteiam as expressões lídimas d'arte sagrada, flores do sentimento e da razão.

Coisas d'Espanha, a arte do barroco, em contraste com outros países, surde como arte monumental e impressionante. Deslumbram os templos coloniais do México, Lima e de outras cidades.

Carecia, porém, êste pedaço da terra brasileira, na América Portuguêsa já independente, carecia o Ceará de uma igreja principal à altura de sua devoção, de magnitude conveniente e justo decôro. Tal aconteceu em 2 de abril de 1854.

Precedidas da bênção local às 7 horas, às 9 entraram cerimônias iniciadoras da Matriz nova.

No Rosário, ao pároco Carlos Augusto Peixoto de Alencar, juntou-se o pe. dr. Tomás Pompeu de Sousa Brasil, vigário forâneo, o clero secular e irmandades, o presidente da província (sacerdote paulista) e conselheiro de Estado, Vicente Pires da Mota; o vice-presidente e comandante superior da Guarda Nacional, Joaquim Mendes da Cruz Guimarães; o tenente-coronel José Antônio Macedo, o juiz de direito da comarca e deputado à Côrte do Rio de Janeiro dr. Miguel Fernandes Vieira, mais pessoas gradas, juizes de paz e senado da câmara. Sociedade principal e numerosa.

Formava guarda de honra, meio Batalhão, sob o comando do major José Joaquim da Silva Guimarães.

Nas horas perturbadas que vivemos, hoje em dia, dominadas pelo signo da confusão e repúdio de valores tradicionais, nada se perde em recordar nomes que encarnaram o espírito da raça; em quem latejou, com suas virtudes e debilidades, o coração regional; e que falou, com o sotaque e inflexões características, o verbo imperioso e nativo do torrão.

Ao espocar das girândolas, o cortejo guiou para a Matriz nova, bem posta e alfaiada. Fora o sol, o nosso grande sol; cabeças, não obstante, descobertas; muito respeito e piedade.

Encerrou-se o Santíssimo Sacramento no seu tabernáculo; as imagens, nos respectivos altares, e celebrou missa solene o Vigário que, do púlpito, encareceu devidamente a solenidade do dia. Prosseguindo esta, redigiu-lhe têrmo final e oficial, o pe. José Cândido da Guerra Passos, escrivão da vigararia forânea.

Até 31 de junho de 1854, orçavam os trabalhos em 95:839$337 réis. Faltavam as pinturas, doirados, sanefas nas portas laterais e o fôrro dos corredores; faltou outrossim a calçada em redor, concluída por volta de setembro de 1856. Cobriram a tôdas as despesas, os produtos de esmolas, loterias e fundos da Irmandade: mas não se pense que tudo foi tão fácil como fica escrito; pois que a obra respirava atenção, cuidado, trabalho assíduo, meticuloso e útil.

O relógio, espécie de coração da vila, colmeia ainda escassa e reduzida, o **Big-Ben** de Fortaleza, donativo de João da Costa e Silva, agricultor em Pacatuba, que fez presente de um conto de réis, para dito fim, à Irmandade de São José, mal terminava a Matriz. Acrescentar podemos, num breve cotejo, que o mais antigo relógio de Ouro Preto (Minas Gerais), na igreja de Santa Ifigênia, 1762, custou apenas 290$000 reis.

* * *

Desmembrou-se de Olinda, consoante a bula **Pro animarum salute** do papa Pio IX, 6 de julho de 1854, a Diocese do Ceará, inaugurada na presidência (provincial) do dr. Manuel Antônio Duarte, 16 de junho de 1861, pelo vigário de Quixeramobim e procurador do 1º bispo sagrado do nosso sólio, D. Luís Antônio dos Santos, cuja entrada solene na Catedral se efetuou a 29 de setembro daquele mesmo ano.

Entre imagens, a que merece destacados louvores e rogos nas catedrais, a da soberana Rainha do céu. **A tela hoje de maior valor no mundo** encontrada na Catedral de Milão, a Virgem com o Menino Jesus. Tem 2m. 60 de altura e 1m.80 de largura, tôda de oiro e incrustações de lazulita. Os cantos da moldura, com o enfeite de pérolas, entre outros valores. Obra fina, preciosa, inestimável.

Devera então aparecer no altar-mor do nosso grande templo, a imagem ou quadro de N. Senhora levada pelos serafins ao céu, pois a vila se denominou — **Fortaleza de N. Senhora da Assunção**. Foi precisamente o que lá se viu. Dir-se-ia que tudo, pelo melhor, se ajustou.

Regalo do negociante luso Martim Borges, a imagem do "Senhor dos Passos", que se vê sair na procissão do **Encontro**, todos os anos, e venerava-se numa das capelas interiores da Sé.

Sôbre tarde de 4 de maio de 1870, também ali se recolheu a bandeira do extinto 26 corpo de voluntários na guerra do Paraguai, "uma das primeiras a tremular no Passo da Patria e milagrosamente salva em conjunturas dificeis" (Gustavo Barroso, "O BRASIL em face do Prata", pág. 37). Àquela cerimônia de 1870, compareceu a maior Autoridade da província e respeitável multidão. Lavrou-se uma Ata comemorativa dos feitos da Bandeira, a merecer esta um poema, por invicta e gloriosa.

Recordaremos ainda que não a palavra autêntica do pe. Antônio Vieira, é claro, como aconteceu na Bahia, S. Luís do Maranhão e na Côrte de Lisboa; porém ali se ouviu a voz altissonante do pe. Valdivino Nogueira. Ao dizer de Monsenhor Furtado, êle "fez do púlpito de Fortaleza um pedestal de glória, pronunciando sermões e discursos que bem poderiam ser firmados por Vieira e Montalverne".

Sobrelevou a tôdas, sua oração de 1903, a que pessoalmente assistimos, quando da comemoração tricentenária da vinda dos primeiros portugueses ao Ceará. Graco Cardoso a respeito escreveu no órgão oficial do Estado, a "República": "Por espaço de cinquenta minutos, o orador trouxe o auditório prêso ao encanto da empolgante magia de uma peça toda rendilhada de brilhantes".

Outro que enalteceu a mesma tribuna sagrada, o pe. dr. João Augusto da Frota, de quem nos coube esta cadeira nº 4 no Instituto do Ceará. Um de nossos Boletins, o ano passado, publicou: "Era fluente orador na tribuna sacra e na popular, tendo deixado renome os seus discursos, sempre eruditos e imaginosos".

Item não desmereceram dos dois, os abonados pregadores Constantino Gomes de Matos, José Teixeira da Graça, Pedro Esmeraldo da Silva, João Alfredo Furado, Júlio Simon, filho êste de porto francês, já reitor do Seminário desta capital, e o dr. Júlio Maria (quando, feito Missionário Apostólico, passou por esta capital); as conferências dêle lembravam as de Lacordaire na Catedral de Notre Dâme de Paris, 8 de março de 1835, começadas. Não morrem de todo, os que desvendam ao mundo alguma nesga de verdade ou traços de beleza.

Tudo se há de perdoar ao zêlo de nossas recordações, quando dizemos que soou

naquele mesmo lugar a palavra inexperta dêste pequenino vosso irmão. Mais: a Catedral foi onde, em deliciosas primícias do ministério, administrámos o santo batismo aqui em Fortaleza.

Já virtuosa filha de S. Francisco a primeira nossa batizada àquele tempo, exerce hoje a direção de uma das casas seráficas no Rio de Janeiro e nos proporciona esta lembrança ou herança, como melhor nome haja, direi quase a pedir o eflúvio da manhã ao crepúsculo de uma tarde.

O desaparecido templo perfaria 1° centenário em 2 de abril de 1954. Resplandeceu no sólio pontifical a mitra preciosa de D. Luís Antônio dos Santos, D. Joaquim José Vieira e de D. Manuel da Silva Gomes, elevado a arcebispo em 1915, criado o Arcebispado pela bula **Catholicae Religionis Bonum** de Bento XV, 10 de novembro de 1915. A iluminar-nos o caminho, ficou o exemplo daquelas vidas, governadas pelos mais sublimes ideais, cheias de pastoral solicitude e caridade.

O Arcebispo D. Antônio de Almeida Lustosa não alcançou a antiga Sé, que teve seus dias contados.

Escreveu o desembargador Álvaro Gurgel de Alencar no seu próprio Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Ceará, 2a. edição, 1939, pág. 147 e 148:

"A catedral do Arcebispado, que era um templo de construção sólida, de boa altura, e que em 1954 completaria cem anos de edificado, acaba de ser demolido, prometendo os que o derribaram construir em o mesmo local, uma igreja cuja planta já feita é para uma catedral de muita riqueza, e que, sem uns seis mil contos de réis não se verá levantada. Com a demolição nota-se bem a solidez dessa Igreja tradicional. A maioria do povo cearense não aplaudiu a destruição". Assim o desembargador entendeu e o disse sem rebuço.

Em artigo da imprensa carioca, Gustavo Barroso referiu-se, 2 de julho de 1953, à "velha Sé, hoje infelizmente desaparecida".

Haverá ternuras atadas ou moderadas, que não se mostram a todos, e a verdadeira causa de um ato muita vez escapa a olhos travessos ou penetrantes. Sem embargo, tudo vale pelo que vale a afeição de cada um; donde o anexim: "Quem ama o feio, bonito lhe parece".

A cidade espanhola de Lérida possúi duas catedrais. Nenhum mal por isso. Também apresentam caso idêntico de duas catedrais: Cadix, Madri, Placência, Salamanca, Saragossa e Vitória.

Entre os que não viram de boa sombra o derruir dos paredões cearenses, destacou-se João Nogueira; êste com o desembargador Álvaro Gurgel de Alencar sócios efetivos do Instituto, ambos de saudosa memória. Uma vez lançou o 1º êste gracioso reproche: "A beleza ou feiura das coisas está mais em nós do que nelas mesmas: tudo depende do modo ou interêsse com que as olhamos".

Maria Tudor da Inglaterra afirmou se porventura lhe abrissem o coração, nele encontrariam a palavra **Calais**, terra que ela perdera em seu reinado.

Aberto fôsse o coração de João Nogueira, com certeza teriam dado de rosto na palavra **Catedral**, dês que lhe martelaram os ouvidos golpes demolidores. Julgava que a remodelação seria para ruas, praças e casario; nunca para edifícios erguidos (disse) sôbre o invariável, o imutável, o eterno.

Diferente das ruínas da antiga Roma a pedirem antes a **música** do silêncio, por espanar a melancolia do Joãozinho (conhecido assim no afeto dos seus), conversá-mo-lo ao pé do Cruzeiro da Sé, onde, nas noites de segundas-feiras, pessoas do povo e gente fina acendiam velas ou rezavam o terço, costume introduzido por

Frei Serafim de Catânia, que inaugurou aquêle monumento de ordem corintia e o rodeou de grades de ferro, 3 de maio de 1847. Frei Serafim mereceu sepultar-se numa das paredes da velha Sé, àquele mesmo ano de 1847.

Mais de uma vez escreveu João Nogueira sôbre a Catedral, sem azedumes, manso que era e humilde de coração. Ei-lo a desculpar-se: "Esperamos que ninguém veja nestas linhas um protesto: falamos como aquêle que abrançando seu irmão, lhe dissesse docemente: — **Gesta tua non laudamus**.

Quanto dissemos é apenas a expansão do pesar que nos invade, quando vemos desaparecer um elemento tradicional de nossa terra.

E sempre que isso acontece não podemos impedir que nos escape — **una furtiva lacrima**".

Filho do desembargador Paulino Nogueira, que foi o primeiro presidente do nosso Instituto, João Franklin de Alencar Nogueira nasceu nesta capital aos 27 de outubro de 1867 e aqui faleceu, 2 de dezembro de 1946.

Engenheiro da R.V.C., além da mais subida honestidade, mostrou profundo zêlo pelas tradições histórico-cearenses. Fizemos-lhe a despedida em nome do Instituto, à hora de sepultar-se.

Vivo, seria o primeiro a apertar-nos a mão, solidário com a lembrança que estamos a avivar no espírito conservador de nosso Sodalício; morto, que não dirá, se **memória desta vida se consente?**

Artigo de João Nogueira sob o título "Cidade de Fortaleza", publicado na Revista do Instituto, 1912, recorda até mesmo o "Candinho da Sé", glorioso por ter **andado de bandeja**, coisa do tempo.

Grande a importância do tempo, alquimista hábil: "Dá-se-lhe um punhado de lodo, êle o restitúi em diamantes". E nenhuma época como a nossa se inclinou mais piedosamento sôbre relíquias do pasasdo. ,

No luto das coisas mortas, quiséramos ser um raio de luz. Que sirva tão modesta lembrança, pelo menos, de goivo da saudade, asa de dor do sentimento, em homenagem à casa de Deus e do seu inolvidável amigo, João Nogueira.

Ao homem podemos truncar a vida, ninguém lhe desfaz a morte; porém a casa de Deus é porta do céu: **Domus Dei et porta coeli**. No tecido ou trama do tempo que tudo envolve, esbateu-se a silhueta da nossa primeira e velha Sé. Fortaleza, onde fraternizam opiniões em tôrno das grandes memórias, é digna de mirar o futuro e apreciá-lo.

Bem defronte daqui, vai-se erguendo o novo templo, pelos cuidados do Sr. Arcebispo e esforços até há pouco de Monsenhor Quinderé e a coadjuvação de outros batalhadores. Respeitável a antiguidade, precisa não se opor à avalanche moderna.

Só se faz bem o que se faz com amor. Suavize, pois, a nova igreja as saudades da outra, comparáveis a flores rendidas sem se levarem do pé. Tôda saudade é tristeza, com salpicos quiçá de alguma alegria: **delicioso pungir de acerbo espinho**.

A nova Catedral, linda como nossos mais puros amores, já nos sorri, como se tivera alma, — senha grande, esperança grande, regaço dos espíritos, atalaia celeste. Devemos querer-lhe e muito, pelo nosso passado e pelo seu futuro!